



JUVENTUDE E PROMOÇÃO DA SAÚDE: CONSTRUINDO DIÁLOGOS DE PESQUISA-INTERVENÇÃO

RESUMO

Propomos, neste relato de experiência, apresentar os delineamentos de uma pesquisa-intervenção, por um grupo de discussão com jovens que acontecia numa Unidade Básica de Saúde, utilizando como embasamento teórico a Psicologia Histórico-Cultural. A constituição do grupo passou por constantes obstáculos em decorrência das práticas de cuidado biomédico e da concepção estereotipada de juventude, bastante enfatizada no local de intervenção. No entanto, acreditando em saúde no seu sentido amplo,

integrado e humanizado, discutimos e problematizamos as práticas em saúde pública que era oferecida aos jovens. Proporcionamos um espaço de construção coletiva e aberto ao diálogo que potencializasse a voz desses sujeitos, com objetivo de promoção da saúde. Para isso, utilizamos o recurso estético como o principal movimentador das discussões e reflexões em grupo.

Palavras-chave: Juventude; Promoção da Saúde; Estética; Psicologia em Saúde.

No cotidiano e na mídia, a juventude toma a forma por vezes de enaltecimento, de valorização, de visibilidade ao jovem como autor, assim como contraditoriamente alvo de preocupações, vítima de problemas e no cerne de diversas políticas públicas repressivas e preventivas (CASTRO, 2008).

Se partirmos de uma perspectiva histórico-cultural, compreendemos que o sujeito é o resultado do processo histórico-cultural no qual se desenvolve, portanto, constitui-se por meio das mediações que estabelece. Sua natureza é social, o que pressupõe não apenas dizer que nasceu entre outros sujeitos, mas que suas ações são socialmente planejadas e estruturadas (PINO, 1995). Assim, entendemos a juventude como uma condição social e histórica em que estereótipos e estigmas apenas afirmam um olhar naturalizado e universal, que são incorporados pelos meios de comunicação em massa bem como pelas políticas públicas, que não compreendem, integralmente, os contextos, vivências e significações dos jovens nos processos pelos quais vivem.

Segundo Abramo (1997), a juventude recebe atenção por romper com uma continuidade social, sendo assim, as políticas públicas voltam-se a prestação de serviços a esse público considerado em situação de vulnerabilidade. Os cuidados preconizados, dessa forma, restringem-se aos aspectos relacionados a problemas sociais como a violência, a criminalidade e ao uso de drogas, e não pressupõem um olhar ampliado e contextualizado do constituir-se do jovem que deveria considerar sua voz, com escuta qualificada dos modos de experienciar e interpretar suas vivências, enfim, de sua subjetividade.

Com isso, podemos entender que a visão da juventude estereotipada como uma fase

de difícil convivência caracteriza-se enquanto produto de uma sociedade, de um contexto social em que os jovens são e estão inseridos (CASTRO; CORREA, 2005). Assim, o jovem que buscamos conhecer e com quem intervimos é visto por nós como abertura, processo permanente, inacabado, incluindo as particularidades que não se enquadram em uma visão totalizadora.

Neste relato de experiência¹, debateremos a formação de um grupo de discussão com jovens, em que buscamos promover uma prática em saúde que potencializasse a voz desses sujeitos, de forma que suas questões, modos de experimentar e interpretar as situações e contextos vividos pudesse ser dialogada e compreendida.

A experiência com o grupo ocorreu em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), na zona oeste da cidade de Uberlândia-MG, com jovens, tanto de ambos os sexos, com idades entre 11 e 16 anos que frequentavam do 6º ao 9º ano do ciclo escolar. Os encontros com o grupo de discussão, que aconteciam entre as estagiárias/pesquisadoras e os jovens moradores do bairro, tiveram como objetivo principal a promoção da saúde, de modo a desconstruir as verdades instituídas sobre o adolescer e possibilitar (novos) olhares e reflexões, a partir da relação dialética e dialógica construída no grupo.

Outro aspecto importante a ser problematizado, neste relato, foram os (des)entendimentos e as (não) concepções na/da UBS sobre as possibilidades de atuação com grupos de jovens, no serviço, especialmente pensando a promoção da saúde. Utilizamos como base metodológica a pesquisa-intervenção com o intuito de evidenciar as rupturas, fragilidades e potencialidades desse processo fazendo, assim, uso de recortes do diário de campo, para facilitar a compreensão da experiência relatada.

¹É importante destacar que apesar de trabalharmos com pesquisa-intervenção, neste manuscrito, optamos por apresentarum relato de experiência, portanto, os resultados da pesquisa não serão evidenciados.

O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

Com a proposta de intervenção em saúde, tínhamos o objetivo de compreender as vivências e os sentidos produzidos, pelos jovens, sobre o bairro e a cidade em que residem, a relação com esses lugares e propor discussões que possibilitassem novos modos de compreensão e ocupação do território. Assim, esperávamos entender como esses sujeitos constituem-se nesse contexto e como produzem sentido nesses espaços.

Nosso questionamento inicial foi em relação a como convidar esses jovens, de maneira que eles se interessassem pelo grupo e percebessem, pelo convite, que estávamos propondo um espaço diferenciado se comparado com os comumente oferecidos pela escola e pela UBS. Assim, tivemos a preocupação de enfatizar que o foco não era uma proposta psicoterapêutica, mas de promoção da saúde e definimos que seria fundamental apresentar no próprio convite o nosso fio condutor: o uso da imagem como dispositivo estético nos encontros.

Pensando em um instrumento convidativo para os jovens, optamos por fazer um fanzine como convite, de forma que contemplasse as informações que julgávamos importantes e atrativas. Dentro da área de abrangência da UBS, fomos a uma das escolas públicas do território, com ensino fundamental e médio, que abarcaria a faixa etária que propomos para a atividade. Depois de explicada a proposta dos grupos para a gestora escolar, foi nos autorizado entrar em todas as salas de aula, distribuir o fanzine e fazer o convite verbalmente.

No dia agendado para o nosso encontro, compareceram apenas três jovens, que nos contaram que haviam gostado do convite e que estavam curiosos para saber do que se tratava o grupo. Realizamos o primeiro encontro, porém ficamos bastante frustradas com a pequena quantidade de interessados. Decidimos, dessa forma:

[...] pensar em uma maneira de divulgação que abranja mais gente. Surgiu a ideia de prepararmos um espaço com exposição de fotografias e outros recursos na própria escola para despertar o interesse dos jovens e assim, se sentirem mais atraídos para irem ao grupo (DIÁRIO DE CAMPO, out. 2012).

Voltamos à escola e no horário do intervalo construímos um espaço, com varal de poesias, imagens, colagens nas paredes e música. Vários jovens se interessaram e aproveitamos o momento para fazer o convite por meio do fanzine, explicando com detalhes a nossa proposta. Nesse momento, deixamos claro que gostaríamos de construir um espaço com e para eles em que fosse possível diálogo, reflexão e problematização de suas vivências. Saímos da escola com grande expectativa, no entanto, no encontro seguinte, apenas um jovem apareceu.

Infelizmente as três jovens que haviam participado do encontro anterior não foram, preferimos acreditar que foi devido à chuva. O Rafael foi um dos garotos que abordamos na escola, e ele se mostrou muito interessado, reconheceu a foto do Criolo (cantor de rap) que estava no varal e achamos que isso pode tê-lo atraído. Ele chega com expectativas de falar sobre arte, dança, música e etc, nos conta que não se identifica com os jovens do seu bairro e comenta, de forma crítica, que os jovens do bairro só gostam de funk (DIÁRIO DE CAMPO, nov. 2013).

Começamos a refletir sobre alguns fatores que pudessem estar atrapalhando a construção do grupo e a relação entre UBS e o bairro mostrou-se como uma das maiores dificuldades para a constituição de um grupo. A unidade era um espaço fortemente marcado pela relação saúde-doença em que a promoção da saúde e o olhar singular para a juventude, tinham pouco espaço. A resistência dos jovens na participação do grupo também é socialmente construída, devido a ausência de lugares onde essa juventude possa falar sem ser reprimida, onde possa contar e recontar histórias sem julgamentos morais.

A partir dessas reflexões, alguns questionamentos foram levantados: Qual seria a melhor forma de convidar e dialogar com esses jovens?

Será que utilizar o espaço escolar como uma forma de aproximação fez com que a nossa proposta fosse confundida com os velhos reforços escolares ou palestras? Estar em uma Unidade de Saúde os aproximava de um lugar de doenças? Por que falar sobre saúde com esses jovens? Afinal, o que é saúde para eles? Será que estávamos utilizando uma linguagem que não nos aproxima deles? Quais fotografias e imagens eles consideram interessantes? Por que fazer parte de um grupo pode ser interessante?

De acordo com Mangold (1960), citado por Weller (2006), a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas se dá na dialética das interações coletivas. A participação de cada membro acontece de forma distinta, e as falas individuais são produzidas na relação, da construção do grupo. Os grupos possibilitam uma dinâmica importante para a promoção da saúde, pois a participação de vários sujeitos potencializa as várias singularidades durante os encontros; o que, segundo Castro (2008), propicia um caminho de acolhimento entre os sujeitos de forma que os “sentidos” compartilhados tenham muita potência de intervenção.

Determinadas na construção do grupo e atravessadas por vários questionamentos, buscamos outras estratégias na tentativa de constituir o grupo. Optamos por apresentar nossa ideia aos Conselheiros Tutelares da cidade, a fim de convidar os jovens por eles atendidos, no entanto, nossa proposta foi recusada pelos conselheiros, por acreditarem que um trabalho psicológico sem ter um foco determinado para a resolução de queixas, não desperta o interesse do Conselho Tutelar.

Essa recusa fez-nos problematizar a proposta de intervenção, assim como o lugar que a Psicologia tem ocupado em nossa sociedade. Por que um grupo de discussão com jovens não é visto como “promotor de saúde”? Por que se espera uma Psicologia que dê resolubilidade às

queixas com procedimentos diretivos, clínicos e, se possível, individuais? Acreditamos que as respostas a esses questionamentos são encontradas quando fazemos uma análise histórica da construção social da Psicologia e do caráter conservador que essa ciência e profissão teve (e ainda tem) durante muitos anos.

Acreditando, no entanto, na potencialidade de ação de sujeitos por meio da constituição de grupos de discussão, utilizamos os escritos de Bakhtin (2003) para reafirmar a importância desses espaços. O autor, ajuda-nos nesses questionamentos, ao considerar que é por intermédio do outro – sujeito, contexto, linguagem – que constituímos o “Eu”, que a consciência tem uma materialidade sónica, pois passa a existir quando entra na relação com os outros e, a partir disso, internaliza os signos dessa relação. Nesse sentido, o sujeito constitui-se em ação historicamente situada, a qual se faz, a partir das relações dialéticas e dialógicas com os outros e com a materialidade.

Assim, permanecemos firmes e resistentes aos nossos princípios teóricos e travamos uma posição consciente das dificuldades que encontraríamos pela frente, porém convencidas da possibilidade da promoção da saúde direcionada à juventude. Apesar de não ser inicialmente o que pensávamos, optamos por recorrer aos jovens que estavam na fila de espera por atendimento psicológico na Unidade e, com alguns telefonemas, conseguimos constituir um grupo com alguns jovens. Nos primeiros encontros, a frequência dos participantes era variada, justificada pelo horário da escola como dificuldade para os encontros e, também, por alguns pais/responsáveis e jovens talvez não terem se interessado quando apresentamos nossa proposta de grupo. Outros integrantes, no entanto, decidiram convidar colegas e vizinhos mais próximos e, assim, nossos encontros semanais foram iniciados.

A UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: ENCONTROS E DESENCONTROS

Inicialmente, a UBS não possuía nenhuma sala disponível para que o grupo acontecesse e, assim, optamos por realizar os primeiros encontros no estacionamento da Unidade. Escolhemos a sombra de uma árvore como o “nosso espaço” e colocamos alguns retalhos de tecido no chão para que pudéssemos sentar e formar uma roda.

Ficou um ambiente aconchegante para receber os jovens. [...] Ficamos um pouco incomodadas pelo fato de estarmos ‘atrapalhando’ o estacionamento, pois ocupávamos algumas vagas, mas depois concluímos que, se não tinha outro espaço para nós na Unidade e os carros poderiam ser estacionados na rua, não precisaríamos nos preocupar (DIÁRIO DE CAMPO, out. 2012).

De uma semana para outra, o estacionamento da UBS foi interditado e, assim, ficamos sem o nosso cantinho de encontro. Fomos à busca de outro espaço e ocupamos uma sala de reuniões da Unidade que estava vazia, mesmo com algumas dificuldades burocráticas, conseguimos oficializar esse espaço para nossos encontros em grupo.

Por mais que estivéssemos presentes na UBS semanalmente, não havíamos construído com os profissionais de saúde uma relação próxima. Éramos consideradas estranhas naquele lugar e, em meio a olhares desconfiados sobre o que fazíamos nos grupos, sentíamos que nossa proposta era um pouco diferente do que costumava ser oferecido no local.

De acordo com Brasil (2002), entendemos que promoção da saúde dá-se por meio da construção de práticas que se baseiem na humanização e pelo cuidado integral, cultivando a melhoria da qualidade de vida e o aumento da autonomia. Assim, compreendemos que a proposta do grupo era um tanto inovadora para os profissionais de saúde da Unidade;

desse modo, problematizamos a formação dos profissionais de saúde e entendemos a importância da educação continuada e permanente nesses espaços para que as práticas baseiem-se, de fato, em um olhar amplo de cuidado.

A tentativa de compreensão de uma realidade social também faz parte de práticas de promoção da saúde. Nesse sentido, a construção de momentos de troca e de comunicação na produção em grupo, considerando a diferenciação das singularidades, constitui um legítimo espaço para a escuta, o diálogo e a reflexão de promoção da saúde. Diante disso, perguntamo-nos sobre quais princípios se estruturam as práticas desenvolvidas naquela UBS, já que entendemos que o grupo que fazíamos legitima os preceitos do SUS.

Por mais que existisse algum desconforto, estávamos contentes com a formação do grupo, pois estava estabelecido entre os participantes que, nos encontros, era possível conversar sobre o que muitas vezes não é dito em casa ou na escola. Assim, fomos conhecendo aos poucos esses jovens, suas complexas relações familiares, além da relação com o bairro e com a cidade. Com a formação do grupo, estabelecemos com os jovens, relações de confiança e lealdade, formando um espaço de escuta e troca de saberes. Fizemos um contrato em que assegurávamos a eles que o conteúdo dos encontros era sigiloso, mas que ao mesmo tempo participavam de uma pesquisa que seguia parâmetros éticos. As questões burocráticas, como termo de consentimento livre e esclarecido, foram compreendidas de forma tranquila e, iniciamos uma importante construção coletiva da juventude desses sujeitos e da nossa formação enquanto psicólogas.

A UTILIZAÇÃO DO RECURSO ESTÉTICO: CONVERSANDO COM A FOTOGRAFIA

A autora Souza (2006) afirma que andar pela cidade exige do sujeito um novo olhar; um novo tipo de atenção. Segundo a autora, nosso olhar esbarra em uma imensidão de estímulos, são “luzes, letreiros, imagens, sons, etc. – capturados como choques, absorvendo mensagens rápidas e que se substituem de forma intermitente” (SOUZA, 2006, p. 204). O exagero no uso das imagens, dessa forma, causa-nos a falsa impressão de que vemos mais, temos mais informação, conhecemos mais, quando na verdade o excesso, impede a qualidade e, padroniza ou impede que constituíssemos modos sensíveis de nos relacionarmos com a cidade. Precisamos, portanto, aprender a selecionar; a enxergar e a nos sensibilizarmos com o cotidiano e suas imagens.

Olhamos e não reparamos. Por esse motivo, escolhemos a fotografia e outras imagens para iniciar os encontros. As discussões foram, então, mediadas pelo recurso estético visual, pensado como uma proposta de um olhar ético, estético e político para as relações estabelecidas, produzindo novos sentidos e (re)criando memórias. “A fotografia funciona e atua como uma potência do não-esquecimento e pode, frequentemente, indicar aos sujeitos coisas que seus sentidos não conseguiram ainda perceber” (COSTA; MAUTONE, 2009, p. 37).

De acordo com Sato (2009), a prática clínica tradicional convencionou a fala como o método principal para alcançar determinados sentimentos, experiências e visões de mundo. A autora comenta sobre os caminhos que a psicologia social encontra para ter acesso às subjetividades dos sujeitos, tendo como prioridade o estabelecimento de vínculo entre pesquisador e pesquisado, e aponta a fotografia como uma possibilidade. No caso dessa intervenção, utilizamos o recurso fotográfico e a interpretação de imagens como um caminho para conhecer as singularidades dos jovens que constituíam o grupo.

Em nosso primeiro encontro introduzimos a temática da fotografia e perguntamos o que elas achavam. Alana nos conta que gosta de tirar foto de si mesma e diz ser “doidona”, Flaviane diz que gosta de celular porque dá para tirar foto. Todas disseram que gostam de música, principalmente funk porque dá para dançar. [...]Elas comentaram que gostam de tirar foto para colocar no Facebook (DIÁRIO DE CAMPO, ago. 2012).

É importante observar o movimento que esses jovens faziam em relação à fotografia, pois a utilização dessa, como recurso estético, fazia parte do interesse deles. Assim, fomos na direção de conhecer e apreciar a relação que eles estabeleciam com o mundo das imagens, o qual nos pareceu ser muito presente nessa juventude que se familiariza com a modernidade tecnológica tanto de aparelhos celulares, quanto no acesso a redes sociais.

O grupo foi constituindo-se de forma horizontal, sem hierarquia de saberes e sem definições do que é certo e o que é errado. Percebemos que essa relação entre os jovens e nós, estagiárias/pesquisadoras, foi se estreitando e tornando-se mais próxima, permeadas pelo olhar sobre uma imagem.

Elas nos perguntaram o que entendíamos como fotografia. Esse momento foi muito relevante, pois, acreditamos que abriu espaço para que fizéssemos um diálogo mais próximo junto a elas. Enfatizamos a importância de que elas também nos conheçam (DIÁRIO DE CAMPO, ago. 2012).

As afetações e os atravessamentos que são construídos a partir do recurso estético são variados e incontroláveis, de forma que, deixar-se surpreender pelas provocações das imagens faz parte do processo e da riqueza da relação com o dispositivo estético.

Projetamos a imagem dos pés de um homem e de uma mulher deitados nus na cama e elas começam a falar que estavam vendo um casal. Uma das estagiárias pergunta se para deitar daquela forma precisa ser necessariamente um casal, elas dizem que sim e começam a questionar a foto dizendo que não estavam entendendo direito as posições das pernas, ficam em dúvida se tem mais de duas pessoas e comentam que estavam achando a foto esquisita porque não estavam conseguindo entender. Perguntamos se era necessário entender para conseguir sentir alguma coisa em relação à fotografia (DIÁRIO DE CAMPO, mar. 2013).

Nesse encontro fomos especialmente surpreendidas pelo silêncio e incômodo que as imagens suscitaram nos jovens, pois as provocações pelas fotografias acabaram levando a discussões que envolviam temáticas sobre sexo e drogas. Escolhemos essas imagens pensando nos encontros anteriores, pois acreditávamos que esses assuntos seriam relevantes para conversar com esses jovens. Entendemos que o silêncio inicial dos jovens, ao serem atravessados pelas imagens, é produto de uma sociedade que proíbe falar sobre o que é considerado tabu, e assim foi necessário legitimar as características do grupo de discussão, como o lugar em que a fala é livre e não julgada, sendo exigida de nós uma escuta ainda mais cuidadosa e uma postura acolhedora para as inquietações dos jovens sobre a temática.

Nesse e em outros momentos, embasamo-nos em Castro (2008) para pensar a importância em tentar compreender os sentidos atribuídos a vivência de grupo, por meio da promoção da saúde, reconhecendo as especificidades do lugar de cada jovem em nossa cultura e sociedade. Tentamos compreender esses jovens a partir da posição que assumem nas experiências vividas, as quais perpassam, também, pelo reconhecimento dos lugares (des)ocupados no bairro e na cidade.

A outra fotografia apresentada é do evento “Arte na Praça”, e fazemos o mesmo movimento de explicar do que se tratava. Perguntamos se eles se viam ocupando aquele lugar (a imagem tinha um palco no fundo e várias pessoas jovens no primeiro plano) (DIÁRIO DE CAMPO, abr. 2013).

A exposição dessa foto foi seguida de muitas outras que se relacionavam a eventos na cidade de Uberlândia-MG, bem como lugares públicos e culturais. Percebemos, por meio das falas, que não eram espaços ocupados por eles, e sim, ocupados por nós estagiárias/pesquisadoras. Dessa forma, propusemo-nos a conhecer quais lugares esses jovens ocupavam, e percebemos que a cidade não oferece eventos que vão ao encontro com os gostos culturais

que apreciavam, limitando-se a ocupar a rua de suas próprias casas e ouvindo música com outros jovens. Entendemos, dessa forma, que esses jovens não ocupam o centro da cidade, já que não oferece nenhum atrativo cultural. Eles se aproximam de seu próprio bairro como lugar em que se pode ouvir e dançar o funk, aparentemente, sem julgamentos.

Utilizamos a música como recurso estético e, em outros momentos o próprio bairro tornou-se um disparador e provocador de diálogos, mesmo que o fio condutor principal tenha sido a utilização de fotografias, não fizemos disso uma regra. Em nossos últimos encontros, pudemos fazer uma caminhada pelo bairro guiada pelos jovens o que se caracterizou como uma experiência significativa. Saímos da sala da UBS em que os encontros aconteciam e propomo-nos a explorar com os jovens, os lugares que eles conheciam nas proximidades de seu bairro; mas, que ao mesmo tempo, não se identificavam tanto.

Saímos, então, com a intenção de conhecer o bairro e, no início, Marcelo estava meio atrapalhado sobre qual lugar ele nos levaria, jogando a decisão para nós e para o João. Pedimos que eles nos levassem pra onde quisessem, onde gostavam de ir e então saímos sem um destino fixo (DIÁRIO DE CAMPO, mar. 2013).

A proposta de caminhar pelo bairro foi sugerida pelos jovens, motivados pelas inquietações que nasciam no grupo ao se falar da cidade e dos lugares tão (e não) frequentados pelos jovens. Nosso objetivo era (re)conhecer junto com eles esses espaços, além de tentar promover (re)significações e sentidos, fazendo com que o bairro, coberto pelo mato alto, tivesse a possibilidade de ocupar um lugar que transcendesse a falta de opção da cidade.

Fotografar pelo bairro também foi uma atividade que fizemos nessas caminhadas, e em cada ponto havia uma parada para tirar foto, percebemos que aqueles lugares sempre estiveram ali, mas não eram olhados. Na caminhada, foi possível um novo encontro, uma experimentação em reconhecer-se nos espaços.

Perguntamos se ele achava mesmo que aqueles bonecos em frente a casa eram arte e ele disse que sim, que era muito bonito, que o tocava olhar para os objetos. Nesse momento, aconteceu nossa primeira parada para fotos, o que deu mais ânimo para o nosso passeio (DIÁRIO DE CAMPO, mar. 2013).

Esse não foi o único dia em que caminhamos pelo bairro e, entendemos que a vivência de experimentar o bairro junto aos jovens, possibilitou um fechamento interessante para o grupo, uma vez que tivemos a oportunidade de usar a fotografia como recurso estético que eternizou o que aprendemos juntos.

(RE)EXISTINDO

Acreditamos que os espaços construídos decorreram de processos de (des)construção de concepções de juventude, de discussão, de saberes e de práticas em saúde. Tais espaços, como potência de diálogo e voz, em que as experiências e modos de interpretar a vida pudessem ser ouvidos, acolhidos e (re)significados.

O grupo de discussão permitiu que os sujeitos construíssem coletivamente outros sentidos para suas vivências singulares. Contar experiências, escutar outras, confrontar e confrontar-se, surge enquanto um lugar, muitas vezes, não conhecido ou possível pelos/aos jovens.

Fomos, a todo o momento, surpreendidos por esses jovens que construíram junto ao grupo, relações permeadas por várias temáticas, como: virgindade, sexo, namoro, drogas, redes sociais, relações familiares, bairro, cidades, espaços, música, ao mesmo tempo em que são vivências comuns, mostram-se como o estranho. Estranho esse que deveria ser próximo, afinal falam de si mesmo.

Ao assumirmos, dessa forma, um lugar de resistência, tanto na compreensão e atuação em busca de um sujeito integral, em busca de autonomia, quanto no embate com as concepções vigentes, construímos um espaço para a promoção da saúde em uma UBS e, problematizando os modos de se fazer e pensar saúde.

É com a construção de diálogos comuns e na tentativa de compreensão das relações UBS-Bairro, UBS-Juventude, Psicologia-Atuação, que se faz uma intervenção que forma e

transforma os atores envolvidos nesse processo, de maneira que a resistência, também é entendida como o alcance de novas possibilidades, como (re)afirmação da vida, dando ênfase a uma nova configuração das relações e encontros potencializadores entre os sujeitos.

A partir dos recursos estéticos fomos inventando, construindo e (re)olhando espaços, diálogos, escutas e vozes em comum e possíveis, no qual o sujeito, agora afetado, pelos recursos estéticos, passou a se apropriar de forma ainda mais sensível do mundo, sendo possível construir novos significados, não aceitando aqueles que antes eram naturalizados. Resistir é necessariamente reexistir (ZANELLA, 2006).

Acreditamos, por fim, que essa reexistência possibilitou para nós, para os jovens e para a UBS outras formas de olhar e compreender os processos em grupo e de constituição dos sujeitos. Os jovens, ao final do grupo, contaram-nos que já haviam marcado um dia para se encontrar novamente, agora, sem a nossa presença. O grupo continuará, com outros moldes, outras mediações, criando e recriando jeitos de existir. Na unidade de saúde outras brechas para o cuidado, foram criadas e, quem sabe, o acesso à saúde, tão necessário a todos os sujeitos, tenha sido facilitado. E para nós, estagiárias e pesquisadoras, quanto nos marca e nos move na construção de novas práticas emancipatórias e comprometidas com singularidades e coletivos.

YOUTH AND HEALTH PROMOTION: BUILDING DIALOGUES IN THE RESEARCH AND INTERVENTION

ABSTRACT

We propose a discussion in order to make healthcare intervention-research, the disruptions, openings, the fragilities and potentials of this process, starting from an experience in a group discussion with young people in a Basic Health Unit. Based on Cultural-Historical Psychology we aimed to promote health through collective construction by developing an open space for dialogue and

reflection from the use of an aesthetic resource. The composition of the group has gone through constant obstacles due to the biologizing care practice. Believing in health in its broader sense, integrated and humanized, we discuss and confront the public health practices.

Keywords: Youth, Health Promotion, Aesthetic, Health Psychology.

JUVENTUD Y PROMOCIÓN DE LA SALUD: CONSTRUYENDO DIÁLOGOS DE INVESTIGACIÓN-INTERVENCIÓN

RESUMEN

En este relato de experiencia nos proponemos presentar los conocimientos de una investigación-intervención, en un grupo de discusión con jóvenes que ocurrió en una Unidade Básica de Saúde (UBS - Unidad Básica de Salud), según el enfoque de la Psicología Histórico-Cultural. La constitución del grupo pasó por diversos obstáculos a causa de las prácticas biomédicas de cuidado y de la concepción estereotipada de la juventud, muy presente en el local de intervención. Sin embargo, creyendo en la salud en su

amplio significado, integrado y humanizado, discutimos y problematizamos las prácticas en la salud pública ofrecidas a los jóvenes. Proporcionamos un espacio de construcción colectiva y abierta a los diálogos que potenciaran las voces de los sujetos, con objetivo de la promoción de la salud. Utilizamos por lo tanto el recurso estético como el principal disparador de las discusiones y reflexiones del grupo.

Palabras clave: Juventud; Promoción de la Salud; Estética; Psicología en Salud;

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, 1997. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pactovolume7.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

CASTRO, L. R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau, 2008. p. 21-42.

CASTRO, L. R.; CORREA, J. **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005.

COSTA, A. B.; MAUTONE, G. As imagens e as coisas: fotografia e produção de conhecimento. In: TITTONI, J. (Org.). **Psicologia e fotografia: experiências em intervenções fotográficas**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009. p. 24-45.

PINO, A. Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. **Revista Temas em Psicologia**, São Paulo, n. 2, p. 31-40, 1995.

SATO, Leny. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia em psicologia social do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 217-225, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25751/27484>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

SOUZA, S. Jobim e. A pesquisa em ciências humanas como intervenção nas práticas do olhar. In: LENZI, L. H. C. et al. (Org.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006. p. 203-220.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

ZANELLA, A. V. “Pode ser flor se flor parece a quem o diga”: reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito. In: DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. (Org.). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006. p. 33-47.

¹Rebeldes, desobedientes, inconsequentes são alguns dos estereótipos e estigmas normalmente atribuídos aos jovens. Vale ressaltar que qualquer classificação totalizadora, que desconsidera as singularidades dos sujeitos, é produtora de rótulos.

²Fanzine é um veículo de comunicação alternativa. Nesses há um aspecto gráfico, sendo feito por colagens, e posteriormente fotocopiados.

³Todos os nomes apresentados no artigo são fictícios.

⁴Facebook é um site e uma rede social lançada em 2004, que se popularizou no Brasil.

⁵Arte na Praça é uma realização da Diretoria de Culturas (DICULT) e da Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo é de valorizar e abrir espaços para as manifestações artísticas locais e regionais. Teve início em 2002 e já trouxe artistas como Celso Pixinga, Mônica Salmaso, Hermeto Pascoal, Nana Vasconcelos, Ceumar, Max de Castro, Maria Alcina, Dj. Patife, Duo Fel, Soul Zé, Mundo Livre S/A, O Teatro Mágico e Móveis Coloniais de Acaju.



Extensão &
Sociedade &